

A importância da orelha de Van Gogh

Na véspera da noite de Natal do ano de 1888 bate à porta do prostíbulo um pintor estranho que morava no mesmo *bas fond* em Arles (sul da França), na (hoje famosa) casa amarela, trazendo à mão uma pequena lembrança para uma das prostitutas. Certamente quem recebeu o pacote deve ter se surpreendido muito ao encontrar dentro, ensanguentado, um pedaço da orelha de Vincent Van Gogh que, com esse propósito, acabara de seccioná-la.

O prostíbulo era o número 1, da Madame Chose, ao qual fora na véspera com seu amigo Paul Gauguin. Naquela noite, Vincent disse a uma das moças que lá trabalhavam que gostaria de pintar o seu retrato, a cujo convite ela recusou e, em tom de pilheria, disse que um presente muito melhor seria uma de suas orelhas, à qual dava puxoezinhos e piparotezinhos para o divertimento e riso desbragado dos frequentadores... naquele momento.

O ato de cortar a orelha se explica pelos absintos ingeridos ininterruptamente pelo gênio Van Gogh, a gerar mais e mais inquietações àquela mente já inquieta por natureza.

À época, Vincent andava às voltas com os seus quadros e chegou a escrever ao irmão Theo que gostaria



Autorretrato com a Orelha Enfaixada,
 Vincent van Gogh, janeiro, 1889
 Óleo sobre tela - 60 x 49 cm
 Instituto Courtauld de Arte, Londres

de pintar retratos, já que achava suas paisagens saturadas de tinta. Porém, encontrava inúmeras dificuldades para conseguir modelos, de modo especial prostitutas, que temiam que as pessoas fossem rir dos retratos e assim ficariam desacreditadas, ridicularizadas perante os seus clientes.

A bem ver, os retratos que Van Gogh pintava pareciam feios e, portanto, enfeidadas estariam as pessoas por ele retratadas. À época não foram somente os incultos que esconderam nos cantos e nos porões das casas as telas de Van Gogh, mas até pessoas aparentemente abertas para os avanços da arte o faziam. Ou seja, era difícil alguém se sujeitar ao pós-impressionismo, pois ainda imperava o clássico, há séculos.

Então, na noite em que foi ridicularizado no cabaré, quando a prostituta recusou-se a ser o seu modelo, Vincent chegou à superexcitação mental. Assim, carregado de tensões e não querendo ser por elas dominado e cair em depressão, reagiu em valente exaltação e automutilou-se, decepando um pedaço da orelha esquerda, para presenteá-la àquela que troçara de sua genialidade.

Tivesse Rachel — assim se chamava a destinatária do presente — assentido ao convite para posar, hoje estaria, certamente, imortalizada em importantíssimo quadro. Entretanto, por outro lado, não teríamos os dois lindos autorretratos pintados no dia 7 de janeiro de 1889, ou seja, cerca de 15 dias após o fato, em que Van Gogh aparece com a orelha vendada (um detalhe: no quadro é a orelha direita, imagem invertida, pois usara espelho para se retratar), nem o retrato do psiquiatra que o atendeu, Felix Rey (1867-1932).

Sobre a atitude automutiladora as pessoas da cidade de Arles não entenderam nada, e ficaram apavoradas e Van Gogh rapidamente saiu de lá e internou-se (voluntariamente) no hospício da cidade de Saint-Rémy, em uma cidadezinha próxima de Arles. Ali produziu algumas de suas mais fantásticas obras, *Pátio do hospício*, *Enfermeiro Trabuc* e a famosa *Noite estrelada*, em que as estrelas e a lua são cor de laranja e as pequenas pinceladas evoluíram para curvas espiraladas.

A propósito, Van Gogh era epilético, psicose epilética, com certeza.

Guido Arturo Palomba (São Paulo/SP)
 Psiquiatra Forense